O NOVO ÓDIO EM DEBATE-SE UMA ESCOLA

Bárbara M. B. Guatimosim

"O amor, não mais como paixão, mas como dom ativo, visa sempre, para além da cativação imaginária, o ser do sujeito amado, a sua particularidade. É por isso que pode aceitar dele até muito longe as fraquezas e os rodeios, pode mesmo admitir os erros, mas há um ponto em que pára, um ponto que só se situa a partir do ser – quando o ser amado vai muito longe na traição de si mesmo e persevera na tapeação de si, o amor não segue mais" (Lacan, Seminário Os escritos técnicos de Freud, p.315).

É difícil nos tempos belicosos de hoje não se lançar em contrapartida ao exército armado de missionários do Um em conquista territorial, numa campanha de, pelo menos, alerta (já que o despertar exige mais, exige análise) a alguns analistas: "façam análise, não façam amor", e de advertência a outros: "façam análise, não façam a guerra". Para em seguida descobrirmos que uns e outros, sobre qual nasceu primeiro, se o ódio ou o amor. O que se verifica é que acabam se casando, de um jeito ou de outro, mesmo quando aparentam estar separados. Certo mesmo é que, por princípio estrutural, bem e/ou mal, tânatos pulsante, em disjunção com eros, está no nosso calcanhar desde o início. E se no amor, espera-se sempre o ódio, não tão bem forjado "amódio" de Lacan e que a ambivalência psicótica leva às últimas conseqüências, não parece tão óbvio, nem ter merecido destaque, uma braveza ou bravura digna que, em parceria, se ajuntasse ao novo amor; este, que do inatingível (impossível) e por não ser assegurado (necessário), só encontra sua via (possível) valendo-se do acaso (contingente).

Como disse Lacan, na lição 10 do seminário sobre a identificação: *"o*

sujeito de que se trata, este do qual seguimos o rastro, as pegadas, é o sujeito do desejo e não o sujeito do amor, pela simples razão que não se é sujeito do amor, a gente é ordinariamente, a gente é normalmente vítima dele, é completamente diferente (...) O amor é Afrodite que bate (frappe)".

Podemos dizer o mesmo para o ódio basculando a dobradiça amorosa. Portanto, a substituição da postura de amado em posição de amante, não faria diferença se o amante não deixasse cair em perda o objeto ao passar pelo desejo, o que permite Lacan falar dessa subversão como sendo a metáfora do desejante. Isso nos permite um aparte por obrigar a rever o que se diz sobre a condição de sujeito dividido, que o perverso impõe à sua vítima. Se o perverso provocasse no outro, com seu ato e em sua posição, a divisão subjetiva, seria pelo menos em princípio, um considerável promotor de análises. Mas não é isso o que vemos acontecer. A vítima desmembrada na montagem perversa, joga-se em um remendar-se imediato, pela solução urgente da parceria com o objeto, que o perverso busca encarnar e de onde se oferece, ficando a vítima aí aprisionada, num gozo desenfreado, repetitivo, destrutivo. O esburacamento, despedaçamento, não é corte preciso do real da castração que divide o sujeito. E apesar do ato perverso querer, muitas vezes, passar pelo analítico, é completamente diferente: Do primeiro advém o sujeito do desejo, mas a subserviência consentida; ou, mas de acordo, voluntária. O corte analítico é o novo ódio do desejo do analista em ação; é um "pára", que não deixa de convocar um "faça diferente" – sem mais nem menos – descaridoso dos sexus, plexus e nexus acostumados; não sendo sem horror, redutível ao espanto sempre surpreendente do não-todo, da divisão, em cada ato, que o analista percebe por quê para ser "bom", "santo", como diria Lacan, não pode ter dó nem piedade; e se o indivíduo se debate, mais além do prazer, o sujeito agradece...Pois é diante da caridade que o sujeito surge enfurecido, pressentindo sua morte.

"É essa vítima comovente, evadida de alhures, inocente, que rompe com o exílio que condena o homem moderno à mais assustadora galé social, que acolhemos quando ela vem a nós; é para esse ser de nada que a nossa tarefa cotidiana consiste em reabrir o caminho de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais" (A agressividade em psicanálise, p. 126).

O esquecido

"Que se diga, fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve" (Lacan, *Létourdit).*

Novo ódio, quase não o escrevi, pois que seria apenas um eco óbvio do novo amor. Mas quando há algo que todo mundo sabe, mas que nunca se diz, é porque pode haver interesse em que não se mexa nisso, que não soe, ou mesmo que não exista. Ouve-se falar muito no novo amor. Podemos sempre desconfiar de tanto amorrr e perguntamo-nos onde estará o novo ódio, que no anúncio desta novidade, clama por também se dizer, ou na novidade não haveria ódio? Pois da mesma forma que o amor desejante pode ser novo, por que não evocarmos um ódio inovador que fosse além da agressividade disputas imaginárias? Um ódio que não fosse apenas contraponto especular de uma lógica paranóica, ou reflexo da competição fraternal, premeditada por uma gramática persecutória, edipianamente forjada, que sempre presentifica numa demanda infinitiva, um futuro filho preterido *versus* outro, desde antes, mais que perfeito, para um patriarca imperativo. Dissonante, seria um ódio que amasse o desejo, que exigisse mais do sujeito, que o fizesse indignar-se, que apostasse mais na ancoragem ética de um real que o causa; enfim que fizesse valer e vingar este sujeito que, afinal, espera-se, deva advir, e que não concordando, faça diferente, sem a tristeza da covardia moral e com mais coragem, no gaio saber. (Pode-se dizer que o termo "utopia", prestando-se a um uso abusivo, tem corrido risco de corromper-se e alastrar-se grosseiramente como o palavrão de porte autorizado que se saca de pronto, escudo bem armado de uma significação mirada no ideal, que ricocheteia imediatamente uma recusa programada e indiscutível, com a qual o covarde, para lá de justificado, se protege daquilo que toca seu desejo, mas que não ousa perseguir, sustentar e levar adiante. O chamado "utópico", está muitas vezes na decisão de um passo; mas realizá-lo requer, no descolar-se de um topos a outros, a passagem pela atopia: sem garantias).

Um ódio então que, por não consistir senão repercutindo em novos laços sociais, nem invenções irruptivas que interditando o dito encadeado, enlaçam inéditos, se faz provar no campo do outro. E temos enfim, o que se transmite afinal, afinado pelo real do objeto, no traçado do estilo que passa. O que faz com que o desejo, por força de estar em causa, para além das colorações afetivas com as quais possa a-parecer, seja força que afeta; e que, forçando, forçosamente o desejo, parece até amor.

"Esses seminários, sobre os quais alguém ao relê-los, exclamava diante de mim recentemente, sem maiores intenções, ao que me pareceu, que era preciso que eu tivesse gostado muito daqueles a quem dirigia meu discurso, eis um outro exemplo de destituição subjetiva. Pois bem, eu lhes dou testemunho disso, a gente "ser" bastante forte nesse caso, ao ponto de parecer amar, vejam só" (Lacan, Discurso a EFP, p. 36).

Um ódio então, que não seja segregacionismo grotesco ou isolamento autista, porque vindo do sujeito do desvio, vem do que no radicular, distingue-se como singularidade, mas que ao abrir mão do narcisismo de sua solidão, pode ser então, ódio com distinção, na transmissão. *"(...) é preciso mesmo assim levantar a questão de saber se a psicanálise – eu lhes peço desculpas, eu peço desculpas ao menos aos psicanalistas – se ela não é o que se pode chamar um 'autismo a dois'. Há, aliás, uma coisa que permite forçar esse autismo: é justamente porque a língua é um afazer comum e que é justamente aí onde eu estou, quero dizer, capaz de me fazer escutar por todo mundo aqui, é aí que está a garantia; é bem por isso que eu coloquei na ordem do dia Transmissão da psicanálise; é bem por isso que é a garantia de que a psicanálise não capengue irredutivelmente pelo que eu chamei há pouco de 'autismo a dois'."* (Lacan, *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*).

Mas chego com alívio à conclusão de que o desejo faz de fato (reitero, faz, não fala necessariamente) este intrincamento do novo ódio ao novo amor, em uma outra, terceira versão do par de afetos, já que podemos dizer que há, em primeiras a-versões, "amódios" psicóticos e neuróticos. Com isto posto, talvez não seja preciso inventar nenhum novo conceito para dar lugar à indignação; e que para as pulsões, um destino menos previsível e assim, menos trágico, seja deixarem-se guiar pelo desejo; podendo daí, quedarem no diverso, as variações e formas do circuito. Resta porém a ressalva de que fica de sobra para cada um a precisão de reinventar esse conceito de desejo, sua operatividade, para que este possa fazer-se valer enquanto causa que processa um dizer e não apenas o dito e repetido.

Seria ingênuo supor que uma instituição e mesmo uma Escola podem se assegurar de resguardar ou promover o discurso analítico. O discurso analítico não faz análise por si, nem funciona independente. Só dá ares de sua graça quando atravessa o corpo do sujeito presente com seu desejo, que suportando o discurso,o empunha e, em ato, o faz operar. Ou seja, para manter o fio cortante do que se pretende analítico, é preciso insistir na análise, no desejo daqueles que se engajam na função do analista, função que trabalha como lastro de uma causa, enodando as estratégias envolvidas na intensão e extensão analíticas e não apenas como verniz de uma política, de um semblante, de uma retórica ou de um amor: que, convidado a transferir, declarar-se livremente, corre o risco de dar-se a saber precisamente no ponto, onde aquele que escuta, pode conduzi-lo ao interminável do "tudo, e mais isso", condenando, num saber fazer astucioso,

o que era a potência do desejo do sujeito, a advir como gozo impotente do vitimado que se submete. Daí a importância de, nesta escola que se demanda, reescrever a pergunta 'Que Escola queremos?' com o "saber lidar" do estilete implicado de cada um , transpondo-a em questão: "Que Escola estamos fazendo?", em cada momento, em cada passo.

Foi dito muito oportunamente em nossa primeira mesa redonda, na abertura das atividades do Fórum do Campo Lacaniano em Belo Horizonte, que a ética deveria ser restituída como palavra de ordem. Restituir um significante como palavra, é dar-lhe um peso de empenho, de responsabilidade. Diferentemente de jurar ou brandi-la em nome da mãe ou do pai; dar, empenhar a palavra, ou, mais que mantê-la, suportá-la, compromete o sujeito com o seu dizer, é tomar do significante (que pode nada significar ou dizer) é dá-lo como palavra apropriada, letra que se transmite; e é claro, para quem tem vergonha, isto tem conseqüências. E, apostando que a palavra de ordem seja de boa cepa, para atear fogo em sua lenha, mas uma observação: Lacan, no seminário da Ética, comenta que, acompanhar a evolução da metapsicologia freudiana, é rastrear a elaboração de um pensamento ético; e diz: *"Esta (elaboração) se encontra no centro de nosso trabalho, quaisquer que sejam as dificuldades das quais teremos, talvez, de tomar consciência, e é ela que mantém coeso todo esse mundo que a comunidade analítica representa, dispersão – que freqüentemente dá a impressão de espalhamento – de uma intuição fundamental que é, por cada um, retomada sob um de seus aspectos. Se sempre voltamos a Freud é porque ele partiu de uma intuição inicial, central, que é de ordem ética"* (Lacan, p.51).